

O INFORMATIVO

DO VALE

Vale do Taquari.
Sábado e domingo,
27 e 28 de abril de 2019

FUNDADO EM 8 DE MAIO DE 1970 POR OSWALDO CARLOS VAN LEEUWEN

Ano 48.
Nº 11.924
R\$ 3,50

Falta de profissionais em escolas prejudica ano letivo

» Determinação do governo passou a contratar professores por período de dez meses. Antes contratos tinham vigência por prazo indeterminado. Por falta de estabilidade profissional, medida desestimula edu-

cadores, que passaram a abandonar a sala de aula do Vale do Taquari. Levantamento do CPERS aponta déficit de mais de 200 profissionais da Educação na região. **Páginas 8 e 9**



Lidiane Mallmann

PROBLEMA: em algumas escolas, alunos assistem a filmes em aulas de História para compensar carga horária e ausência de professores em outras disciplinas

TEMA DO DIA

Moradores do Bairro Universitário reclamam de bagunça em finais de semana

Página 3

RGE Sul apresenta plano de ação para melhorar abastecimento de energia

Página 7

Mariângela Costa Schneider e sua dedicação por um mundo melhor

Página 11

ESPORTES

Dupla Gre-Nal estreia no Brasileiro

Página 16

Nós cooperamos para o seu projeto ganhar vida.

E juntos, transformamos a vida de muitas pessoas.



Fundo Filantrópico Sicredi Integração RS/MG

Se você faz parte de uma instituição jurídica sem fins lucrativos, que é associada a Sicredi Integração RS/MG, envie seu projeto para avaliação.

Inscrições pelo site:

www.sicrediintegracaorsmg.com.br/fundo
de 15 de abril à 15 de junho de 2019.



Diversão de jovens acaba com o sossego de famílias no Universitário

Para tentar coibir bagunça, Prefeitura colocou placas proibindo estacionamento entre 0h e 6h

Caroline Garske

caroline@informativo.com.br

» Lajeado

“Os vidros das casas chegam a tremer por causa dos sons dos carros. Não tem como dormir”, conta Karine Gonçalves (39), moradora da Rua Alfredo Ereno Dörr, no Bairro Universitário. O problema a que ela se refere se arrasta desde que foi feita uma extensão da Rua Eugênio Almiro Schmitt até a Avenida Avelino Talini, no ano passado. Jovens que antes ficavam na Talini começaram a utilizar a nova rua para ver amigos, ouvir música e andar de moto e carro.

Um grupo de cerca de 30 moradores, indignados com a situação, começou a realizar reuniões, além de utilizar aplicativo de mensagens para compartilhar fotos e vídeos de situações que acham inaceitáveis. “Usam o terreno do vizinho como banheiro. É gritaria, som de carro, moto passando com cano de descarga aberto e fazendo ‘pega’, enumera Karine. A empresária relata, também, que a maioria dos moradores têm filhos pequenos, o que torna a situação ainda mais desagradável. “Tenho um filho de 5 anos. Tenho vontade de ir embora com minha família. Está insuportável morar aqui”, desabafa.

Uma das moradoras mais prejudicadas é a engenheira de alimentos Liege Boaro (42), que reside na esquina das ruas Eugênio Almiro Schmitt e Alfredo Ereno Dörr. Segundo ela, os dois filhos pequenos chegaram a ter medo de algumas situações a que foram expostos. “Eles estavam apavorados, porque a gente chegou uma noite, por volta da 1h, e não deixaram eu passar com o carro, nem entrar na garagem”, relembra. Liege conta que antes da rua ser aberta, a calmaria imperava, pois havia uma área verde no local. “Era um sossego, nunca tinha nada, porque a rua era fechada e o barulho da Talini não atingia a gente.”

A social media Francine Dresch (38), que também reside no bairro, conta que os jovens chegam a abrir portões de terrenos particulares para utilizar como banheiro. “Eles não respeitam. O pessoal do terreno já colocou portão para não entrarem, mas eles vão lá e abrem. Não estão nem aí”, afirma. Além disso, a moradora diz que a bagunça tem início na sexta-feira à noite e se estende até o domingo. No encerramento do final de semana, é possível visualizar o que ficou da má educação de alguns jovens que frequentam o local. “Se passar aqui domingo de manhã dá pra ver garrafa, bebida, tudo pelo chão.”



ACESSO:

moradores reclamam que abertura de rua incentivou a presença de jovens que consomem álcool e ouvem música alta

Avó de um bebê de sete meses, a aposentada Rosane Schneider (60) cuida do neto todas as tardes enquanto a filha trabalha. Ela conta que, em uma noite na qual a Brigada Militar precisou agir para garantir o sossego dos moradores, o neto se assustou com o barulho. “Durante o dia é tranquilo, mas no final de semana, à noite, é muito complicado”, fala.

“Todo emprego de força foi gradual, primeiro verbal e depois com munição menos letal.”

Fábio Railander Dias,
tenente da Brigada Militar

“Tenho vontade de ir embora com minha família. Está insuportável morar aqui.”

Karine Gonçalves,
moradora

“É por causa dessas minorias que vão acabar proibindo o ponto que o pessoal se reúne para ver amigos e conversar.”

Leonardo,
jovem

Jovem diz que BM agiu com excesso

Leonardo (18) estava na Avenida Avelino Talini no último final de semana, quando a Brigada Militar (BM) foi acionada para retirar jovens do local. Segundo ele, o Pelotão de Operações Especiais (POE) agiu com excesso e utilizou munições menos letais sem necessidade. “Eles chegaram com várias viaturas e mandaram o pessoal sair das paradas de ônibus de vidro. Eu estava do outro lado, nas paradas de ferro. Eles passaram para o outro lado da rua e começaram a falar para o pessoal sair se não iam atirar bala de borracha e usar spray de pimenta.” Segundo o jovem, ele chegou a ser atingido na perna e precisou ser encaminhado para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA). “Foi à queima-roupa. Rasgou minha calça, cueca e abriu um buraco na minha perna, precisei fazer três pontos”, conta.

O jovem, que atualmente presta serviço militar, relata que sempre frequentou a avenida e que não se pode culpar todos por uma minoria que é a responsável pela bagunça. “Sempre foi super de boa. Agora o pessoal está deixando lixo nas paradas, mas isso é uma minoria, tem muita gente que pega o lixo e bota na lixeira.” Ainda conforme Leonardo, a opção de lazer será proibida devido aos irresponsáveis. “Eu e meus amigos sempre cuidamos, é por causa dessas minorias que vão acabar proibindo o ponto que o pessoal se reúne para ver amigos e conversar. A gente não tem culpa disso, é uma minoria que estraga tudo. Eu fui baleado por nada”, lamenta.

BM afirma que foi hostilizada

No final de semana em que ocorreu a ação, a Brigada Militar (BM) recebeu denúncias de que motociclistas estariam promovendo corridas. Como na Avenida Avelino Talini já é proibido o estacionamento, os brigadianos se deslocaram para fazer valer a legislação. A BM afirma que um grupo mais exaltado hostilizou os policiais e um dos jovens tentou agredir-los. A guarnição saiu dali para atender demais ocorrências em Lajeado.

Por volta das 2h40min de domingo, foram feitas ligações, via 190, informando que no mesmo local havia iniciado uma briga generalizada. Cerca de 250 pessoas estavam em via pública, e o tumulto já estava instalado. “Todo emprego de força foi gradual, primeiro verbal e depois com munição menos letal, que é a antimatim. Todos os instrumentos foram usados para controle de distúrbio”, afirma o tenente Fábio Railander Dias.



SINALIZAÇÃO: placa mostra proibição de estacionamento entre 0h e 6h na Rua Eugênio Antônio Schmitt

Estacionamento proibido

Na manhã de quinta-feira, a Prefeitura de Lajeado instalou placas proibindo que veículos estacionem entre 0h e 6h nas ruas Eugênio Almiro Schmitt e Alfredo Ereno Dörr. A iniciativa visa reduzir o movimento e evitar a perturbação das famílias que ali residem. Segundo o secretário de Segurança Pública de Lajeado, Paulo Locatelli, a instalação das placas serve, também, para poupar o trabalho da BM. “A Brigada precisa atuar em toda cidade, proibimos o estacionamento em uma área residencial onde as pessoas querem descansar. A solução que encontramos foi sinalizar, para a polícia poder agir com mais eficiência em Lajeado”, diz Locatelli.

Com a sinalização, os moradores esperam que acabe a presença dos jovens nas ruas do Bairro Universitário durante a madrugada. “É uma das medidas possíveis. Eles se conscientizando, vendo que está proibido estacionar, acredito que vai acabar”, diz a moradora Francine Dresch.

A HORA

COMPROMISSO COM O LEITOR

PENSE
Programa de Ensino e
Educação • Solidário

Fim de semana, 27 e 28 de abril de 2019 | Ano 16 - Nº 2325 | Avulso: R\$ 3,50

Fechamento da edição: 19h



VAR EM CAMPO

Uma vitória não só da arbitragem, mas também do futebol."

Andro Vuaden
tro da CBF com 19 jogos
ais em Brasileirões



LAJEADENSE

Só a vitória salva o ano

Após perder por 2 a 1 para o Esportivo, o Alviazul sobe a Serra com a necessidade de vencer para seguir na competição.

AH esporte

Pele de diva



Seja em creme, adesivos ou de argila, as máscaras faciais viraram febre pelo seu rápido poder de ação. Confira as queridinhas do momento.

rocê.

IPVA 2019

Mais de 25 mil não pagaram

Prazo venceu nessa quarta-feira. Em 38 cidades, arrecadação passou dos R\$ 85 milhões. Metade é destinada às cidades onde ocorreu o emplacamento. **Página 12**

Sucessão na Fruki



Nelson Eggers passa o cargo de presidente à filha Aline Eggers Bagatini

Negócios em pauta
Encorajar e qualificar para empreender

FORMAÇÃO NA BM

O desafio para se tornar um soldado

Como é a rotina dos 86 alunos-soldados que se formam em 100 dias

Antes das 7h, os recrutas precisam estar prontos. Todos os dias. Barba feita, roupa passada, coturnos lustrados. Uma mudança de realidade para quem conhecia pouco da vida militar. A rotina exige o cumprimento de tarefas que vão desde aprender a manusear armas de grosso calibre até faxinas diárias. Na reta final da formação, os alunos ingressaram esta semana no policiamento de rua. A reportagem do A Hora acompanhou um dia do treinamento dos futuros brigadianos

Páginas 9 a 11



Disciplina, atitude e organização são necessárias aos 86 alunos-soldados que estarão formados em cem dias

OPINIÃO

ADAIR WEISS

Novo pedágio ultrapassado

Federasul e entidades do Vale se mobilizam por adendos no contrato.

EDITORIAL

Expectativa regional

Municípios articulam forças para receber efetivos policiais.



Nós cooperamos para o seu projeto ganhar vida.

E juntos, transformamos a vida de muitas pessoas.



Fundo Filantrópico Sicredi Integração RS/MG

Se você faz parte de uma instituição jurídica sem fins lucrativos, que é associada a Sicredi Integração RS/MG, envie seu projeto para avaliação.

Inscrições pelo site:

www.sicrediintegracaorsmg.com.br/fundo
de 15 de abril à 15 de junho de 2019.

Sicredi

SAC - 0800 724 7220 / Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525. Ouvidoria - 0800 646 2519.

FOTOS MATHEUS CHAPARINI

A MISSÃO PARA VIRAR SOLDADO



A apresentação do soldado é importante. A farda precisa estar engomada e passada, os coturnos, lustrados e os cabelos e barbas no padrão. O descumprimento gera punições

Faxinar o quartel três vezes ao dia, passar a farda ao acordar e no início da tarde. Fazer a barba todo os dias, cortar o cabelo a cada dez. No caso das mulheres, o coque. Coturno lustrado e farda engomada. Treinamento de 12h por dia, fora os plantões noturnos. Essa é a rotina dos 86 alunos-soldados que passam pelo curso de formação da Brigada Militar em Lajeado. Dentro de cem dias, eles estarão formados e atuando no policiamento. A reportagem do A Hora acompanhou um dia da rotina de treinamento dos futuros brigadianos.



Disciplina de decisão de tiro simula diversas situações de abordagem a suspeitos

MATHEUS CHAPARINI
matheus@jornalnhora.inf.br

Aluno tem que estar com fome, sono e pressa. Esta é uma das primeiras frases que aprendem os novatos que almejam a carreira da Brigada Militar. A explicação vem dos próprios alunos. A rotina de atividades dura no mínimo 12h diárias e a alvorada é às 6h. Há ainda a escala da guarda noturna e plantões aos fins de semana. Nas aulas teóricas, grandes quantidades de café mantêm os aspirantes acordados.

A fome se justifica pela distância entre as refeições e pelas atividades físicas. Um pacote de bolachas guardado no armário pode ser uma salvação na hora do intervalo. A pressa é visível a qualquer momento pelos corredores. Se há uma tarefa, qualquer que seja, o aluno a cumpre correndo.

Oitenta e seis jovens de diversas partes do Rio Grande do Sul e de outros oito estados se preparam no Vale do Taquari para ingressar nos quadros da polícia gaúcha. Desde novembro, estão em treinamento no antigo prédio do Ceat, na rua Alberto Torres, em Lajeado.

Eles foram aprovados no concurso de dezembro de 2017. Dos 35 mil candidatos que prestaram a prova teórica, 9 mil atingiram a média e 2 mil foram chamados.

Durante a formação, eles recebem o salário de soldado: R\$ 3.760. Após formados, o

ritmo é menos intenso. Os turnos de 12h são alternados com folgas de 24h ou 48h.

Entre as 52 disciplinas, predominam as de Direito. Na aula de identidade corporativa, eles aprendem sobre o comportamento adequado à profissão, a lidar com a imprensa e a preservar a imagem da brisa, como é chamada a corporação por seus membros.

O curso inclui ainda treinamentos físicos e uma disciplina de decisão de tiro. Integrada ao currículo há cerca de 3 anos, consiste na simulação de abordagens em diversas situações. Desde um suspeito que apenas reivindica seus direitos até um mais exaltado que ameaça e se recusa a seguir as ordens.

Os atores são alunos e levam a sério a proposta de testar a paciência dos avaliados. “Que cara chato”, desabafa em tom de brincadeira o Major Marcelo de Abreu Fernandes, comandante do Batalhão de Estrela, que participa da atividade. E complementa: “você vão encontrar muitos destes na rua.”

Com mais de 20 anos como instrutor de tiro e mais de 5 mil soldados formados, o 1º tenente da reserva, José Waldemar de Azevedo, explica a importância desta aula. “O policial precisa saber o momento correto de utilizar ou não a arma de fogo. O uso deve ser apenas em situações extremas, que envolvam risco à vida.”

CONTINUA >>

O zero um pediu para sair

Na primeira noite, o candidato de melhor nota do grupo não aguentou a pressão inicial e desistiu. Além dele, outros três alunos desistiram por razões pessoais e um foi reprovado. Ele quebrou o dedo em atividade, não se recuperou a tempo e ficou impossibilitado de atirar.

Na semana zero, a primeira, é quando ocorre o choque de realidade, se deixa o mundo civil para ingressar de fato na vida militar. Neste período, não há aulas. Os pelotões ficam à disposição do sargento em tempo integral para lições de hierarquia e disciplina. É quando as exigências mais minuciosas são cobradas de forma mais severa. Uma farda amassada rende facilmente um fim de semana de serviço como punição. Ou uma guarda na noite de quinta, quando os alunos tiram seu lazer em um pub da cidade.

Em uma destas atividades, os alunos foram interrompidos no momento em que iniciavam o almoço. A simulação era de um soldado baleado. Todos deixaram suas marmitas e saíram correndo. Eles explicam que, mesmo que um policial esteja em seu intervalo de almoço, se ele é chamado, é seu dever abandonar a refeição e atender a ocorrência.

Nem carpas, nem palhaços

Seis em ponto e o sino toca avisando que é hora de acordar. Muitos já estão de pé. Às sete ocorre a primeira formatura, momento em que os alunos-soldados reúnem-se no pátio em formação. Este intervalo de uma hora é o tempo para tomar o café da manhã, passar a farda, fazer a barba ou o coque. Neste período ocorre ainda a primeira profilaxia, a faxina, que será repetida após o almoço e no fim do expediente.

Às sete em ponto, o sargento dá bom dia aos pelotões, já organizados pelos comandantes, ou xerifes. Bom dia, senhor! – responde o coro com força. Às 7h30, iniciam as aulas, com o grupo dividido em três.

Eles precisam cumprir algumas exigências quanto à aparência. Tatuagens são permitidas entre os brigadianos, porém, há desenhos proibidos. Um aluno relata que rodou na primeira vez em que prestou exame físico. No braço, um diamante com uma coroa e abaixo os dizeres: mãe e pai. Foi preciso tatuar outra imagem por cima para ser aprovado no segundo teste.

O diamante é um desenho proibido, por ter relação com um grupo criminoso. Outros símbolos, como o palhaço e a carpa, também são vetados.



Tatuagem pode, mas não qualquer desenho



Mais de 5 mil soldados em formação passaram pela mão do 1º Tenente da reserva José Waldemar de Azevedo nos últimos 20 anos. Alunos

“A gente faz as mesmas coisas que os homens, não tem diferenciação, mesmo por parte deles. Esta juventude que está entrando agora trata as mulheres de maneira igual.”

JÚLIA DESCОВI
ALUNA-SOLDADO



O grupo passa por treinamento na antiga sede do CEAT, no Centro de Lajeado



Santos e Larissa: dentro do quartel, apenas colegas; do lado de fora, a vida de casal



tiveram o contato com armas calibre 12

Casal, só fora do quartel

Breno Lucas Carvalho Gomes, 25, e Larissa Batista Soares, 26, são sergipanos, de Aracaju. Apesar de morarem na mesma cidade, nunca haviam se cruzado. Foi depois da aprovação no concurso que ela percebeu que havia outro telefone com DDD 79 no grupo de WhatsApp e puxou assunto.

Eles explicam que a corporação valoriza o matrimônio e que foram colocados na mesma turma justamente para poderem estar mais próximos. Dentro do quartel, porém, são apenas aluno-soldado Gomes e aluna-soldado Larissa. Ainda assim, a proximidade ajuda a encurtar os 4 mil km de casa. “Um incentiva o outro”, afirma Larissa.

Breno tentou concurso nos nove estados Nordeste, foi aprovado em Pernambuco, mas perdeu o teste físico porque contraiu chikungunya. Decidiu pelo RS. De família militar, Larissa concluiu a faculdade de Psicologia e queria fazer concurso. A escolha foi fácil.

A adaptação ao Sul foi rápida. O maior desafio tem sido com os sotaques. “Tem colegas da fronteira que a gente não entende na primeira vez. Eles têm que falar 3 ou 4 vezes”, diz Breno.

Em poucos meses, aderiram ao hábito do mate diário no fim do dia. Os amendoins cozidos que trouxeram de Aracaju em uma visita não fizeram o mesmo sucesso com os colegas daqui.

Um aluno do Acre explica que tentou a prova no RS em função de ter uma menor concorrência. Um dos fatores é o limite de idade de 25 anos para fazer o concurso, enquanto outros estados adotam o limite de 30. Outro aspecto apontado é que a inscrição tem que ser paga pelo Banrisul, o que restringe o acesso.

Perfil dos futuros brigadianos

São **86** alunos-soldados

68 homens e **18** mulheres

Idades entre **20 e 27** anos

10 são de outros 8 estados (RJ, DF, MG, PR, SC, BA, SE E GO)

20 têm formação superior, seis deles em Direito



Para os homens, uma das exigências diárias é fazer a barba. Para mulheres, coque no cabelo

Três gerações de uma família brigadiana

Neto, filho e sobrinho de militares, Gabriel da Costa Santos já sabia, desde guri, que profissão ia seguir. “Cresci dentro da corporação”, resume. Na adolescência, aos 16 anos, chegou a desistir da carreira militar. Trabalhava em uma loja de tintas, fazia curso técnico de Química e lhe parecia um bom caminho a seguir. Até que um dia, saindo de uma loja em Taquari, presenciou um assalto.

“Eu vi aquela atuação da Brigada, as duas

viaturas chegando e pensei: ‘não adianta. É isso que eu quero para mim. Preciso dar um jeito de entrar.’”

A operação acabou com os três criminosos presos após fuga a pé. Assim que completou 18 anos, Santos prestou concurso pela primeira vez, mas não passou por um ponto. Ele afirma que o que lhe atrai na corporação é a hierarquia, a disciplina e irmandade que se cria entre os colegas.

Fardada e empoderada

Empoderamento é a palavra escolhida por Júlia Alcará Descovi, 21, para definir a sensação ao vestir a farda. Desde que fez o Proerd, no tempo da escola, ficou encantada com a indumentária militar. “Prefiro estar fardada que à paisana”, define.

Após prestar vários concursos, foi aprovada no município de Estrela, mas o certame foi anulado. Em seguida, fez a prova para a BM e passou.

Na corporação, almeja integrar as patrulhas Maria da Penha e trabalhar com a

violência contra a mulher, utilizando a experiência trazida do trabalho no Centro de Referência e Atendimento à Mulher (CRAM) de Lajeado. Júlia cursou seis semestres de Serviço Social e pretende retomar o curso em breve.

Para ela, ser uma mulher brigadiana é motivo de orgulho. “A gente faz as mesmas coisas que os homens, não tem diferenciação, mesmo por parte deles. Esta juventude que está entrando agora trata as mulheres de maneira igual.”

“Todo quartel tem um cachorro”



Voluntária no pelotão, a vira-lata Recruta se tornou a mascote dos alunos-soldados

Recruta se alistou voluntariamente na turma de alunos-soldados. Chegou, encontrou uma porta aberta, entrou e ficou. No início, ninguém acreditava que ela fosse ficar. Hoje, é a mascote do grupo. “Todo quartel tem um cachorro”, define a 1ª Tenente Jane Witt.

Para viabilizar a castração, foi feita uma vaquinha, que rapidamente atingiu o valor

necessário. A vira-latas ganhou farda com identificação e se incorporou à rotina de treinamento. À sua forma. Durante a noite, acompanha a guarda, indo de ponto em ponto, como uma espécie de volante. Pela manhã, se houver atividade física, a “Recrú” marcha junto.

Durante a tarde, dorme. Mas, sempre alerta, desperta com qualquer barulho diferente.

“Eu vi aquela atuação da Brigada, as duas viaturas chegando e pensei: ‘não adianta. É isso que eu quero para mim. Preciso dar um jeito de entrar.’”

GABRIEL SANTOS
ALUNO-SOLDADO